

## UMA ANÁLISE DIALÓGICO-DISCURSIVA DO TOM VALORATIVO NA TIRINHA DONA ISAURA

### AN EVALUATIVE TONE DIALOGIC-DISCURSIVE ANALYSIS IN THE COMIC STRIP DONA ISAURA

Patrícia Silva Rosas de Araújo<sup>18</sup>

Alixandra Guedes<sup>19</sup>

Manassés Morais Xavier<sup>20</sup>

Maria de Fátima Almeida<sup>21</sup>

**RESUMO:** O sujeito para constituir o seu discurso considera o discurso de outrem, visto que os discursos estão sempre atravessados por outros discursos. Desse modo, acaba por refletir e refratar os tons valorativos que permeiam as relações dialógicas. Embasado num viés discursivo, o presente trabalho objetiva analisar a valoração presente no gênero tira em quadrinhos, que tem como tema a resistência ao preconceito racial presente nos enunciados da personagem Dona Isaura, produzidas pelo cartunista e ilustrador Junião. Para tanto, busca-se respaldo na Análise Dialógica do Discurso, representada por Bakhtin e o seu Círculo e por trabalhos de estudiosos como Faraco (2009), Sobral (2009), dentre outros. Do ponto de vista do resultado da análise, constatou-se a evidência de ironia e acidez como formas de concretizar a resistência ao preconceito histórico e socialmente cristalizado na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Gênero tira. Valoração. Discurso.

**ABSTRACT:** The subject to constitute its discourse consider the others discourse, whereas the discourses are always crossed by others discourses. Thus, it ends reflecting and refracting the evaluative tone which permeates the dialogical relations. Based in a discursive bias, this work objectifies to analyze the valuation present in the cartoon gender, which has as theme the resistance to racial prejudice present in the statements of the character Dona Isaura, produced by the cartoonist and illustrator Junião. Therefore, support is sought in the Discourse Dialogical Analyzes, represented by Bakhtin in his Circle and by scholars such as Faraco (2009), Sobral (2009), among others. From the analyses result point of view, it was verified the acidity and irony evidence as forms to materialize the resistance to historical and social prejudice crystallized in the society.

**KEYWORDS:** Identity. Cartoon gender. Valuation. Discourse.

### 1 Considerações iniciais

O presente trabalho realiza um estudo dialógico-discursivo da valoração em duas tiras em quadrinhos publicadas no site <http://donaisaura.com.br>, assinadas pelo cartunista e ilustrador Junião, e tenciona a seguinte discussão: como os enunciados verbo-visuais revelam o tom valorativo de emponderamento presente nas tiras?

A hipótese que levantamos é a de que tais enunciados verbo-visuais refletem, ao longo do tempo e do espaço, uma atitude valorativa de rejeição entre os padrões impostos socialmente e a aceitação das características étnicas e atitudinais. Os objetivos assumidos, portanto, são: a) situar, a partir da Análise Dialógica do Discurso, a noção de tom valorativo e b) analisar enunciados verbo-visuais de tiras em quadrinhos do referido site.

<sup>18</sup> Docente do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande. Endereço eletrônico: [letrasrosas@hotmail.com](mailto:letrasrosas@hotmail.com)

<sup>19</sup> Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Professora e Coordenadora na Rede Privada de Ensino na cidade de Campina Grande. Endereço eletrônico: [alixandragm@gmail.com](mailto:alixandragm@gmail.com)

<sup>20</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Docente do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande. Endereço eletrônico: [manassesm Xavier@yahoo.com.br](mailto:manassesm Xavier@yahoo.com.br)

<sup>21</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Coordenadora do Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação (GP/LEI/PROLING/UFPB). Endereço eletrônico: [falmed@uol.com.br](mailto:falmed@uol.com.br)

Para tanto, almejamos desenvolver a análise de duas tiras em quadrinhos publicadas no site supracitado que abordam o tema preconceito racial. As tiras foram selecionadas a partir da consideração de dois fatores, a saber: tratar de preconceito racial e relacionar tal preconceito a um discurso de resistência.

Nosso trabalho está organizado em quatro proposições: na primeira, tecemos uma sucinta exposição sobre os conceitos bakhtinianos de dialogismo, entonação expressiva, estilo e gênero verbo-visual; na segunda, discorreremos brevemente acerca das questões étnico-raciais no Brasil; na terceira tratamos do tom valorativo segundo os estudos de Bakhtin (2015; 2010; 2011) e, por fim, apresentamos a análise por nós empreendida relativa à presença da valoração nas expressões verbo-visuais presentes nas tiras do cartunista e ilustrador Junião.

## 20 dialogismo na linguagem

Estudar a linguagem sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) requer a concepção de língua relações entre os enunciados e as produções de sentidos estabelecidas no âmbito da comunicação discursiva. Segundo Bakhtin (2011), não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (p. 410); não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (p. 410). É, justamente, a essa possibilidade de renovação que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem.

Este olhar convoca uma postura metodológica para o estudo da língua que transcende a natureza corporificada da forma. Para a ADD, as reflexões sobre a linguagem contemplam não apenas o signo linguístico, mas o signo ideológico, aquele que se banha nas relações sociossubjetivas e se define como uma ponte entre um eu e um outro, isto é, na comunicação verbal concreta, viva e emocional.

Assim, o estudo da língua por uma perspectiva dialógica traz para a cena da discussão o uso do sistema linguístico, as situações de linguagem que “povoam” a vida em sociedade, penetrando o curso da comunicação discursiva, revelando outros aspectos constitutivos da linguagem, tais como a entonação expressiva. Contrariando o senso comum, a entonação diz respeito não apenas ao aspecto vocal-fônico (altura, inflexão, modulação etc.) da linguagem e por seu intermédio é possível atribuir sentido aos enunciados, tornando-se fundamental para a compreensão do interlocutor.

Bakhtin em *Os gêneros do discurso* (2011, p. 289) postula que a entonação expressiva representa a “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado”, ou seja, a entonação expressiva para o autor afasta-se das concepções que entendem o sentido de maneira apriorística, anterior à relação entre os sujeitos. “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe” (BAKHTIN, 2011, p. 290). Em outros termos, não há enunciados neutros, pois a neutralidade da língua só existe enquanto virtualidade. A partir do instante em que tomamos a palavra estamos situando sócio-historicamente, estamos expressando nossas visões de mundo, nossas valorações sobre o tema, sobre o interlocutor, estamos explicitando o nosso estilo.

A noção de estilo, a nosso ver, é bastante complexa. No entanto, ousamos tecer alguns comentários a partir de alguns textos base do Círculo de Bakhtin, a exemplo de *Os gêneros do discurso* (2011) e *O discurso no romance* (2002), textos nos quais o conceito foi mais fortemente desenvolvido. Nos termos de Bakhtin (2002, p. 71), a separação entre “estilo e linguagem, de um lado, e o gênero, de outro, levou em medida significativa a estudar-se tão somente as harmônicas individuais e orientadoras do estilo ignorando-se o seu tom social

básico”, crítica que recai sobre o modo como o estilo era entendido e que continua pertinente na atualidade.

É corriqueiro o pensamento de que não se pode corrigir/alterar algo no texto porque diz respeito ao estilo do autor, visão apregoada pela estilística clássica e que, nos parece, considera o estilo como sendo de ordem puramente individual, desprovido de relação social, de alteridade. Bakhtin propõe que pensemos o estilo articulado à entonação, ao gênero e à valoração. Para o autor (2011, p. 267), a “separação dos estilos em relação aos gêneros manifesta-se de forma particularmente nociva na elaboração de uma série de questões históricas”, já que as mudanças históricas incidem diretamente na mudança dos gêneros do discurso.

Ainda de acordo com as diretrizes do estudioso russo, “o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2011, p. 266), isto é, cada gênero possui um estilo próprio de revelar os seus enunciados. A forma como a enunciação ocorre está diretamente ligada à esfera de produção do discurso e ao propósito comunicativo, ao modo como os temas são abordados e às relações interlocutivas que compõem o processo interativo, revelando o novo em cada enunciação, pois a pluralidade dos gêneros é infinita e constante, já que são “inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros” (BAKHTIN, 2011, p. 262) que cresce e se diversifica ao passo que um campo se desenvolve e torna-se mais complexo.

Adentrado no contexto social e interativo de produção e circulação de discursos, deparamo-nos com o âmbito verbo-visual da linguagem, figurando de maneira ativa na sociedade e na constituição dos sujeitos, por conseguinte. A articulação entre elementos verbais e visuais nos vários gêneros, artísticos ou não, tais como charges, capas de revista, tiras em quadrinhos, notícias, apresenta-se como um todo indissolúvel, tornando inviável a análise de uma face em detrimento da outra, visto que a construção do sentido textual repousa sobre ambos aspectos.

Nos termos de Brait (2011, p.143), a linguagem verbo-visual deve ser considerada “como um enunciado concreto articulado por um projeto enunciativo do qual participam, com mesma força e importância, o verbal e o visual”. Frente a esta perspectiva, pensamos o gênero tira em quadrinhos como uma unidade de sentido, constituída a partir de uma dada esfera comunicativa que viabiliza e impulsiona sua existência, interferindo sobre suas formas de produção, circulação e recepção.

Dessa forma, os gêneros discursivos circulam na sociedade como uma atividade dialógica que se apresenta ao leitor e requer deste uma resposta que, na maioria das vezes, ocorre sob a forma do riso ao se estabelecer como enunciado concreto, ou seja,

[...] o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante [...] (BRAIT; MELO, 2010, p. 67),

tornando evidente que o processo de compreensão não é um ato puramente cognitivo, e sim um evento dialógico.

Assim, depreendemos que o gênero tira em quadrinhos, nosso objeto de estudo, configura-se, enquanto enunciado em si, um recorte realizado sobre evento discursivo ocorrido na oralidade, executado de maneira espontânea em uma conversa cotidiana, por exemplo. Reside neste ponto o trabalho do quadrinista ao apropriar-se de segmentos das esferas privadas para projetar diálogos risíveis, e materializados, na instância pública.

### 3 Cotejos sobre questões étnico-raciais

A formação da população brasileira se deu por processos de invasão, dizimação e escravização. É sabido que a miscigenação do povo brasileiro é resultado de uma mistura lutas e dores. Segundo Gomes (2011, p. 110), o Brasil avulta-se como uma das maiores sociedades multirraciais do mundo e abriga em sua população um contingente significativo de descendentes africanos. Somados as categorias colocadas pelo IBGE, “pretos” e “pardos” totalizam 44,6% da população brasileira a apresentar ascendência negra e africana, expressa através da cultura, na corporeidade e/ou na construção identitária.

No decorrer da história do nosso país, o negro tem vivenciado episódios de superação que vai desde a formação dos quilombos, abortos, assassinatos por senhores de terras no período escravocrata, alcança a luta abolicionista e segue a República, com organizações políticas, imprensa e associações. Durante a década de 1980, a parcela negra passou a atuar ativamente no cenário social, por meio de novos movimentos sociais e novas formas de atuação política, dentre eles o Movimento Negro, que após várias rupturas e críticas desenvolveu-se e, atualmente, tem como objetivo principal a denúncia da postura de neutralidade do Estado ante a desigualdade social, visto que a etnia negra, apesar de constituir quase metade da população brasileira, ainda de encontra representada de forma precária e subalterna.

Este cenário intensifica-se quando direcionamos o olhar à mulher negra, sujeito social duplamente vítima da sociedade, que encontra ainda mais dificuldade para figurar e exercer sua voz social por estar sob a égide de uma sociedade que tem por lógica a hegemonia de uma identidade branca, masculina, ocidental, heterossexual e androcêntrica, desvalorizando as dicotomias. É quase unânime o discurso de que a mulher é o sexo frágil e que por isso necessita ser “orientada” pelo homem.

Indo de encontro a este pensamento misógino, na França, em maio de 68, as feministas postulam que a violência contra as mulheres dava-se por meio da violência simbólica que silenciara suas vozes e impedia suas ações e decisões. Seguindo este percurso, no início dos anos 70, na Europa e EUA, surgiu um novo conceito: política da identidade, que tinha por características a ênfase nas questões de diferenças em detrimento das questões de igualdade e universalidade e, por consequência, o destaque para as comunidades de identidades particulares, como afros, homossexuais, ou hispânicos (PIRES, 2002).

A partir dos anos 80, os estudos feministas viram o tema gênero desenvolver-se no campo das ciências humanas, opondo-se às teorias anteriores que eram centradas em fatores específicos e na experiência feminina. Com o passar dos anos, foi conquistado o direito de trabalhar fora de casa e a mulher passa a sustentar os filhos, a ajudar nas despesas domésticas, revelar-se inteligente ao assumir cargos antes nunca imaginados para o sexo feminino. Paralelamente, as mulheres enfrentam o desafio cotidiano de administrar todas as atividades que lhe foram incumbidas: é mãe, esposa, em muitos casos, estudante, trabalha fora e é dona de casa.

Após anos de luta, foram estabelecidas leis pelo Estado que buscam garantir a disseminação da história e cultura negras: nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1995 e 1996, foi introduzido o tema transversal Pluralidade de Cultura. Em janeiro de 2003, foi sancionada a lei 10.639, alterando a lei 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação - regulamentando as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. No que tange às mulheres, houve a criação da Lei Maria da Penha, em agosto de 2006 – Lei 11.340/06 – cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, como resultado do caso Maria da Penha.

#### 4 O tom valorativo

Após reconhecermos a essência dialógica da linguagem, situamos um conceito muito caro neste trabalho, o de valoração. Há em Bakhtin (2011, p. 114-115) uma explanação sobre o vivenciamento ativo do eu que, a nosso ver, sintetiza bem a concepção de valoração deste autor, servindo de referência para a nossa discussão neste tópico.

Tendo da minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa não da parte do seu conteúdo presente, tomado isoladamente, mas da parte do seu sentido antedado e do objeto, isto é, da parte do que assimilou o surgimento dele em mim, e assim torno a renovar o antedado de cada vivência minha, reúno todas as minhas vivências, reúno a mim todo não no passado, mas no futuro eternamente vindouro.

Percebemos o quanto esta passagem de *Estética da criação verbal* explica o sentido de valoração e o faz tomando como referência a própria noção de dialogismo. O fragmento nos permite compreender que as axiologias, os pontos de vista ou os valores estão intimamente ligados ao histórico e ao seu evoluir. Em outras palavras, o vivenciamento ativo do eu é sempre uma atividade axiológica; valorar significa, portanto, dar o seu “aroma” às formas de interação verbal, “uma vez que não se trata do valor da vida para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo [...], eu suponho esse valor no futuro eivado de sentidos” (BAKHTIN, 2011, p. 112).

Nesse sentido, o vivenciamento torna-se lembrança axiológica quando se refere ao caráter dialógico da linguagem. O substantivo *lembrança* usado por Bakhtin (2011) cumpre com o papel de afirmar que há “rastros” de sentidos atravessando as experiências de linguagens dos sujeitos sociais. Esses “rastros” podem ser apreendidos por meio da entonação, do estilo e do gênero escolhido para compor o ato enunciativo. Nos termos do autor, “a relação valorativa do falante com o objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

O que nos é importante destacar são duas assertivas: a lembrança é uma forma de axiologia e a axiologia é ideológica. Na primeira, é preciso reconhecer que as valorações são vinculadas ao tempo e ao espaço, cronotopia. Daí a observação bakhtiniana na expressão “lembrança axiologicamente ativa”. Os sujeitos estão sempre implicados, ativos, nestas lembranças axiológicas/valorativas e elas mobilizam tons/apreciações diante dos eventos de interação social, convocando, para tanto, compreensões responsivas que vão ao encontro, ou não, das lembranças axiológicas.

Já na segunda assertiva – a axiologia é ideológica – as valorações possuem uma filiação ideológica historicamente situada e editada pelas pressões sociais a que tais ideologias se relacionam. Logo, a valoração tem o “aroma” e o “sabor” das instituições que determinam as possibilidades de produção de enunciados no circuito das atividades de linguagem. Assim, o enunciado é sempre resultante de uma ideologia e esta, por sua vez, sempre será social e histórica e, por isso, não pode ser compendiada à sua face empírica nem tão pouco fechada no mundo individual do sujeito (FARACO, 2009, p. 48).

Na visão de Bakhtin (2015, p. 66), toda atividade de linguagem como, por exemplo, a manifestação verbal socialmente significativa é determinada por tons axiológicos e “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio”. A nossa relação com o mundo que nos cerca ocorre de maneira oblíqua, tendo em vista que nossas palavras adentram as camadas dos discursos sociais que recobrem as coisas. Desse modo, “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49).

Dentro desse contexto, ao analista de discursos destina-se o exercício de ler/compreender como os enunciados formadores de gêneros nascem, produzem e reproduzem enunciações nos campos da comunicação discursiva.

## 5 O tom valorativo na tira em quadrinho Dona Isaura

A tirinha Dona Isaura é de autoria de Junião, cartunista, chargista e ilustrador nascido em Campinas (SP). Junião colaborou como chargista nos jornais Diário do Povo e Correio Popular. Produziu ilustrações, charges esportivas e políticas para os principais veículos da imprensa brasileira (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja) e internacionais (revista Courier International-França). Como jornalista, Junião já entrevistou personalidades históricas da luta contra o racismo como Emory Douglas, ilustrador dos Panteras Negras, e participa de debates e palestras em todo o Brasil. Já ganhou prêmios importantes, como o Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre, em 2011; o prêmio Vladimir Herzog, de 2005, e menção honrosa, em 2006 (categoria artes); e o prêmio de cartuns sobre Aids do Ministério da Saúde, em 2004<sup>22</sup>.

A personagem da tira em análise é Dona Isaura, sua primeira personagem autoral, criada em 2000. Segundo o autor, a personagem é inspirada em situações do cotidiano da sua própria família que é “dominada” por mulheres. Foi lançada na revista japonesa *Look*, em 2002, e na coletânea *Central de Tiras*, no ano seguinte. As histórias de Dona Isaura foram publicadas como tiras diárias entre 2003 e 2006 em dois jornais de São Paulo: *Correio Popular* (Campinas) e *Diário da Região* (São José do Rio Preto). Hoje podemos encontrar as tiras nas rede sociais Facebook/DonaIsauraTiras, no Twitter (@Dona\_Isaurae Instagram (@DonaIsaura).

A personagem Dona Isaura é uma senhora com mais de sessenta anos, com filhos, netos e um namorado (ou como ela mesma costuma chamar, um “ficante”). Ela gosta de feijoada, caipirinha, novela, futebol, uma roda de samba e o mundo digital. É sem dúvidas uma personagem provocadora, contestadora e, acima de tudo, empoderada, que conversa e discute sobre tudo (política, racismo, religião, cidadania, democracia, direitos e deveres do cidadão etc.), desafiando o leitor a pensar como a sociedade se organiza em termos de poder, ideologia e crenças.

Vejamos a seguir, as tiras em que Dona Isaura enuncia sua resistência ao discurso racista aocolocar-se contrária aos padrões estabelecidos pela sociedade contemporânea. Para que ocorra a construção de sentidos evidenciados nesta materialidade discursiva faz-se necessário que o leitor tenha conhecimento da realidade sócio-histórica-cultural acerca do que é ser negro(a), especificamente no Brasil, um país com herança colonial e escravocrata.

Figura 1



Fonte: Disponível em <http://www.juniao.com.br/dona-isaura/> Acesso em 23/07/2017

Encontramos na tira a personagem Dona Isaura junto a uma amiga, numa situação de encontro casual na rua, cenário evidenciado pelo uso das bolsas. O teor da conversas entre as duas

<sup>22</sup> Cf. <http://www.juniao.com.br/bio/>. Acesso em 28/07/2017.

gira em torno de uma relevante premiação: o Oscar 2017. Considerado o mais importante e prestigiado prêmio do cinema mundial, entregue anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, desde 1927, o Oscar tem por intuito promover filmes, atores, atrizes, diretores e outros realizadores<sup>23</sup>.

Geralmente, o prêmio contempla 24 categorias concorrentes: Melhor Ator; Ator Coadjuvante; Melhor Atriz; Atriz Coadjuvante; Longa-Metragem de Animação; Direção de Arte; Diretor de Fotografia; Figurino; Direção; Filme Documentário; Curta Documentário; Edição de Filme; Roteiro (Original); Roteiro (Adaptado); Efeitos Visuais; Edição de Som; Som; Curta-Metragem – Filme; Curta-Metragem – Animado; Melhor Filme; Música (Canção); Música (Trilha Sonora); Maquiagem; e Filme em Língua Estrangeira.

A falta de reconhecimento e visibilidade de atores negros entre os indicados sempre foi percebida, no entanto, nas edições de 2015 e 2016, por exemplo, houve duras críticas aos organizadores do evento pela falta de indicação de atores, atrizes, diretores negros, em detrimento a uma grande representação de brancos. A ausência de atores negros entre os indicados de 2016 levou à criação da hashtag #OscarsSoWhite (#OscarMuitoBranco) nas redessociais, ganhando repercussão também em programas de TV, rádio, jornais etc., o que provocou uma onda de protestos e até boicote na cerimônia.

Nesse contexto, a amiga de Isaura, que também é negra e parece não assumir sua etnia, visto que é adepta do alisamento capilar, faz um comentário sobre essa falta de representatividade do negro no Oscar. O tom valorativo deste enunciado é de insatisfação, pois parece inacreditável que nos dias atuais ainda se negue um lugar de destaque ao negro. Essa insatisfação da personagem encontra apoio coral na opinião pública que não aceita mais que o negro seja ignorado. Quando o enunciado diz “*tá na hora...*”, marca ideologicamente esse momento de luta e política de inclusão que estamos vivendo atualmente, já que “só o enunciado tem uma relação *imediate* com a realidade e com a pessoa viva falante” (BAHKTIN, 2016, p. 98. Grifo do autor).

Se antes a condição do negro era “naturalizada” pela sociedade, hoje é impensável excluir alguém pela cor da pele ou por qualquer outra razão discriminatória. Assim, apesar do negro ocupar alguns espaços importantes na sociedade, a exemplo da indústria cinematográfica, ainda é preciso “[...] *indicar mais negras e negros [...]*”. Notemos na valoração das palavras *negras* e *negros* uma política de inclusão de gênero, pois, historicamente, o homem é quem ocupa lugar de destaque na sociedade e isso acontece em todas as raças. No caso do Oscar, por exemplo, desde que começou a ser entregue em 1927, só chegou nas mãos de uma negra depois de mais de 10 anos. A contemplada foi Hattie McDaniel<sup>24</sup>, que ficou famosa após vencer o Oscar de Melhor atriz coadjuvante por seu papel em *E o Vento Levou* (1939).

Desde então, os negros, principalmente as mulheres, têm tido pouca representatividade no prêmio da indústria do cinema. Vale salientar, entretanto, que após as duras críticas e a péssima repercussão da campanha #OscarSoWhite (#OscarMuitoBranco), que criticava a ausência de artistas negros no Oscar de 2016, a lista de indicados de 2017, nas seis principais categorias possuem pelo menos um diretor, atriz ou ator negros. Isso é um fato inédito na história do Oscar.

Ao escutar o comentário da amiga, que lhe pede concordância “[...] *né, Isaura?*”, Dona Isaura quebra a expectativa de resposta e vai de encontro ao pensamento de que o Oscar precisa dá mais espaço para os negros. Para Isaura, mulher provocadora e revolucionária, a questão não é o negro “ocupar” um espaço, mas sim questionar se realmente é “necessário” ocupar tal espaço. Ou seja, o

---

<sup>23</sup>Cf. <http://www.infoescola.com/cinema/oscar/>. Acesso em 23/27/2017; [http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2012/noticia/2012/02/conheca-origem-do-oscar-o-premio-mais-cobicado-do-cinema\\_2.html](http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2012/noticia/2012/02/conheca-origem-do-oscar-o-premio-mais-cobicado-do-cinema_2.html). Acesso em 23/27/2017.

<sup>24</sup>Cf. <https://sites.google.com/site/jornalpimentasnews/a-lista-de-negras-e-negros-vencedores-do-oscar>. Acesso em 23/07/2017.

lugar também é marcado por tensões sócio-histórico-ideológicas. E os sujeitos são que decidem que espaço ocupar, quando, por que e para quê.

Essa forma de pensar inverte os padrões até então estabelecidos pela sociedade. Isto é, não são os brancos que escolhem o lugar que o negro pode ocupar, mas sim o negro que escolhe o seu próprio lugar de estar. Assim, “*tá na hora das negras e negros perceberem que não precisam do Oscar*”, pois este lugar é historicamente marcado pela presença dos brancos, ricos e famosos. E o negro, segundo Dona Isaura, não precisa necessariamente está lá, e a sua entonação expressiva revela-se pela valoração que reside na “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado” (BAKHTIN, 2016, P. 47), refratada pela construção frasal afirmativa e incisiva.

Portanto, o tom valorativo do enunciado de Dona Isaura é de deboche, de desdenho. Ela não dá o mesmo valor ao Oscar que sua amiga. Na verdade, ela desconstrói o imaginário coletivo de que os negros querem ser reconhecidos pelo Oscar e ocupar um espaço de destaque. O tom de suas palavras também é de convocação, uma vez que ela diz que os negros e negras precisam perceber que não precisam do Oscar, ou seja, são os próprios negros que devem fazer uma reflexão sobre o valor que se tem dado a entrega da estatueta. Passemos à tira 2.

Figura 2



Fonte: Disponível em <http://www.juniao.com.br/dona-isaura/> Acesso em 06/12/2017

Na tira há três personagens que dialogam: Dona Isaura, seu neto e o atendente da loja de brinquedos, em uma arena público. De um lado, temos Isaura, mulher de 70 anos, negra, que pela idade já vivenciou diversas mudanças sociais e políticas no país, e seu neto, representante da nova geração, consciente da história de sua etnia; por outro lado, temos o atendente, homem e branco, enquanto representante da cristalização dos padrões sociais existentes na sociedade.

O contexto da ida à loja se dá pelo evento comercial conhecido como *Black Friday*<sup>25</sup> (Sexta Negra), iniciado nos Estados Unidos, no dia seguinte ao dia de Ação de Graças, data religiosa na qual os americanos celebram a gratidão pelos bons acontecimentos ocorridos durante o ano. A Black Friday acontece na última sexta-feira do mês de novembro. Sua chegada ao Brasil aconteceu em 2010 e foi organizada pelo site Busca Descontos, que reúne cupons de descontos das principais lojas virtuais do país. Em 2011, a Rede Extra estendeu suas ofertas às lojas físicas e desde então o evento vem crescendo no comércio brasileiro.

<sup>25</sup>Cf. <https://g1.globo.com/economia/noticia/entenda-o-que-e-a-black-friday-e-saiba-quando-sera-em-2017.ghtml>. Acesso em 06/12/2017



No primeiro quadrinho, o vendedor responde a uma pergunta feita anteriormente e não materializada linguisticamente “*Bonecos de heróis negros, não tem!?*”, enunciação denota a falta de produção e incentivo à produção de brinquedos que remetam diretamente às diversas etnias existentes na sociedade mundial, enfatizada aqui na ausência de “*heróis negros*”. A resposta surge saturada de marginalização e inferiorização, já que a solução encontrada é a sugestão da aceitação de um brinquedo que remete ao super-herói mais icônico da cultura de massa branca: *Superman*.

O atendente ouve como resposta a sua sugestão, pelo neto de Dona Isaura, um enfadonho “*Não!*”, reforçado pela expressão facial da criança que apresenta um tom valorativo de insatisfação pela desvalorização de sua etnia. Sua negativa aponta para um sujeito situado na sociedade, na sua história e na sua cultura, que compreende que o enunciado não é neutro e o avalia sob a perspectiva sócio-histórica, evidenciando que “*toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate*” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 140).

No segundo quadrinho, encontramos a seguinte materialização: “*Vó! Vamos em outra loja?*”. Esse enunciado faz referência às mudanças que estão acontecendo paulatinamente na indústria de entretenimento e, conseqüentemente, na sociedade, pois ao dirigir-se para outro estabelecimento comercial o neto de Dona Isaura aponta para a possibilidade de encontrar bonecos de heróis negros, tendo em vista que as produtoras de histórias em quadrinhos (norte-americanas) têm investido, desde a década de 1960, na criação de personagens negras, a saber Pantera Negra (Marvel, 1966), Luke Cage (Marvel, 1972), Lanterna Verde (DC Comics, 1971), Falção (Marvel, 1969) e Cyborg (DC Comics, 1980), Tempestade (Marvel, 1975), Michone (Imagem, 2005) e Amanda Waller (DC, 1986)<sup>26</sup>, sendo os três últimos nomes personagens femininas.

A reação de Dona Isaura ao comentário realizado pelo atendente denota sua postura frente a massificação da cultura branca imposta socialmente, através uso da expressão “*Fica a dica!*” carregada de entonação expressiva, aspecto que “*é um traço constitutivo do enunciado*” (BAKHTIN, 2016, p. 48). É interessante perceber que a escolha da palavras “*black*” no enunciado “*Black Friday sem black produtos não rola mais*” não é inocente e configura-se como um trocadilho entre a palavra de língua inglesa e sua tradução para a língua portuguesa. Desse modo, ancorados no pensamento bakhtiniano, entendemos que todas as nossas escolhas são assinadas, são ideológicas, e essas escolhas conferem aos enunciados um tom avaliativo, o qual dialoga com outros discursos.

Avulta-se na materialização linguística de D. Isaura a ratificação de sua etnia de sujeito negro, bem como a de seu neto, que se assumem como tais e buscar por representação social. Ao chamar a atenção do vender por meio do “*viu?*”, a personagem conduz não apenas o seu interlocutor, como também o seu leitor, à reflexão acerca das produções e circulação dos discursos hegemônicos cristalizados, conforme aponta Volochínov (2017, p. 95), “*o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular [...]*”.

## 6 Considerações finais

As reflexões empreendidas nesse trabalho nos possibilitaram ver que o enunciado é fruto de relações dialógicas com outros enunciados e cada um está preso às suas condições sócio-histórica de produção. Assim, a valoração de determinado enunciado nunca é um ato individual, mas coletivo, haja vista está apoiado no conjunto de crenças, ideologias, de uma determinada comunidade.

No caso da tira 1, vimos que o tom valorativo dado ao enunciado (insatisfação e reprovação) obteve um “*apoio coral*” presumido, ou seja, a insatisfação da amiga de Isaura pela falta de representatividade do negro no Oscar e a reprovação da ideia de que o negro precisa do Oscar por Dona Isaura encontram apoio em outras vozes da sociedade (artistas, movimentos de resistência etc.) que se coadunam com a ideia de insatisfação e reprovação ao discurso de

<sup>26</sup>Cf. [www.dccomics.com](http://www.dccomics.com), [www.marvel.com/comics](http://www.marvel.com/comics), [www.imagecomics.com](http://www.imagecomics.com). Acesso em 06/12/2017

empoderamento do Oscar. Assim, uma voz dá sustentação e encoraja outras na mesma direção valorativa.

Na análise da tira 2, atentamos para a presença da valoração num determinado enunciado não ser um fato individual, mas coletivo, haja vista está apoiado no conjunto de crenças, ideologias, de uma determinada comunidade. As formas de pensar materializadas linguisticamente por Dona Isaura e seu neto invertem os padrões até então estabelecidos pela sociedade, de modo que pela perspectiva de resistência, presente nos enunciados concretos que formam as tiras, não é a parcela branca, masculina, ocidental, heterossexual, etno e androcêntrica que escolhe o lugar que o sujeito pode ocupar, mas sim o próprio negro que escolhe o seu próprio lugar, e o faz assumindo para si a imagem e a história da etnia negra.

Na verdade, nas tiras analisadas, encontramos Dona Isaura desconstruindo o imaginário coletivo de que os sujeitos negros querem ocupar os espaços calcados pela raça e cultura brancas, seja por meio da premiação do Oscar ou pelo compra de brinquedos que não os representam, postura que reprova as práticas discursivas que colaboram para a sustentação da identidade negra inferiorizada e submissa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos – SP: Pedro & João, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética**. Tradução do russo Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.
- BRAIT, B. e MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. 3. impressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A Palavra mandioca do verbal ao verbo-visual**. Bakhtiniana, v. 1, n. 1. 1o sem. São Paulo, 2009, p.142-160.
- FARACO, C.A. **Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOMES, N. L. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**. RBPAE – v.27, n.1, jan./abr. 2011, p. 109-121.
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.
- PIRES, V. L. **Questões sobre identidade e diferença: tensão entre o mesmo e o outro**. Fragmentum. nº 3. Laboratório Corpus /UFSM, 2002, p. 11 – 30.
- VOLOCHÍNOV. V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensoi introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 02/08/2017

Aceito em 16/11/2017